

# ASPECTOS DA *PHYSIS* GREGA

Katsuzo Koike\*

O presente texto trata de analisar a questão da *physis* no âmbito do mais antigo pensamento grego. Sem dúvida, a noção de *physis* consistiu em uma das mais importantes criações teóricas dos gregos. A amplitude conceitual do termo, bem como suas implicações filosóficas, constituíram um campo fértil para profundos estudos e discussões, desde a Antigüidade, na tentativa de lhe atribuir uma definição coerente. Essa tarefa, no entanto, não seguiu por caminhos unívocos, pois logo apareceram várias divergências entre os estudiosos da questão. Além do mais, devemos reconhecer que um conceito sempre carrega consigo um fator arbitrário, e não foi diferente diante das interpretações e representações que se atribuíram à *physis* no decorrer de sua história.

Desde Platão e Aristóteles que se havia nomeado por *physis* o objeto de investigação pelo qual teriam se ocupado os velhos jônios – a *perí physeos historia* – conforme chamou Platão<sup>1</sup>. Já Aristóteles e seus seguidores vão denominar os mais antigos pensadores de “*physikoi*” ou “*physiólogoi*”<sup>2</sup>, os interessados no exame da *physis*. Todavia, segundo a tradição doxográfica, e pelo que restou dos fragmentos dos chamados pré-socráticos, não há confirmação do uso da palavra *physis* antes de Heráclito de Éfeso que viveu por volta de 500 a.C.

Nos estudos dos peripatéticos e de seus comentadores, foi comum atribuir o título “*Perí Physeos*” ou “Da Natureza” como nome de obras raras ou inexistentes de autores

---

\* Katsuzo Koike é professor da UFPE.

<sup>1</sup> Fédon, 96a.

<sup>2</sup> 12 A13 DK; 12 A16 DK. Cf. H. Diels – W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 3 v.; 7<sup>a</sup> ed., Berlin: Weidmann, 1954.

mais antigos. Assim foi feito com Anaximandro, Xenófanes, Parmênides, entre outros. Indicar o nome de tais obras como prova do uso de *physis* entre esses filósofos não é um recurso convincente, já que a denominação é tardia. No século VI a.C., quando começaram a se multiplicar trabalhos escritos na Grécia, e mesmo depois, não foi comum que os autores fizessem uso de títulos em suas obras. Desse modo, os escritos mais antigos eram intitulados de acordo com o assunto que traziam ou por alguma sentença expressiva no início da obra. Eram formas de identificação dos escritos, método utilizado principalmente na época das grandes coleções, como as de Alexandria. Por exemplo, foi o que ocorreu com Heródoto e suas *Historie* e até com o lendário Homero, em relação à *Iliada* e à *Odisséia*.<sup>3</sup> É difícil, então, assegurar se os Milésios ou outros pensadores da época haviam ou não feito uso do termo *physis*. Por outro lado, é possível supor que eles já tinham consciência do conceito. É seguro, pelo menos, que seus estudos se concentraram na explicação e descrição do contexto da *physis*. Anaxágoras de Clazômenas, reconhecido intelectual da Atenas de Péricles, foi considerado um grande estudioso da *physis*. Há a tradição de que ele seguira os passos de Anaxímenes de Mileto<sup>4</sup>, enquanto Cícero<sup>5</sup> chega a afirmar até que o mesmo fora aluno do milésio. Mesmo sendo este um fato cronologicamente impossível<sup>6</sup>, não há dúvida que as notícias de afinidade entre esses pensadores se deveu pelas semelhanças de suas idéias. Não foi por acaso que os peripatéticos chamaram de *physikoi* a praticamente todos os filósofos conhecidos por nós hoje como pré-socráticos.

<sup>3</sup> Cf. W. A. Heidel, On Anaximander's Book, p.241; In: *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, 56, n.7, pp.237-88.

<sup>4</sup> Theoph. Phys. Op. fr.4.

<sup>5</sup> De nat. deor. I, 26.

<sup>6</sup> Anaxímenes morre entre 526/8 a.C., enquanto Anaxágoras somente nasce por volta de 500 a.C.

Devemos reconhecer a antiguidade da idéia de *physis*, posto que a palavra já aparece no texto homérico, porém ainda longe de uma formalização teórica, da forma como foi realizada por Aristóteles. Quando observamos seu uso na reflexão de um Heráclito, Parmênides e nos escritos médicos dos hipocráticos, no séc. V a.C., todos educados dentro da tradição intelectual jônia, não é absurdo pensar que os mais antigos filósofos tenham dado os primeiros passos para lançar uma teoria da *physis*. E tudo indica que eles o tenham feito.

Antes de questionar o que veio a ser a "*peri physeos historia*" dos jônios, é fundamental buscar entender o que eles entendiam por *physis*, considerando a extraordinária riqueza de significado do termo. O problema da *physis* movimentou grandes debates em filosofia e filologia antigas, sobretudo na primeira metade do nosso século. Trabalhos fundamentais de autores como A. Lovejoy<sup>7</sup>, W. Heidel<sup>8</sup>, W. Veazie<sup>9</sup>, J. Burnet<sup>10</sup> e W. Jaeger<sup>11</sup> garantiram e confirmaram a importância da questão até hoje.

Basicamente, a palavra *physis* chegou até nós com o sentido de "natureza", visto que as línguas modernas herdaram a tradução latina *natura*. Mas a dimensão de nossa Natureza não consegue compreender o significado de *physis* na forma que foi entendida e utilizada pelos gregos antigos. Por exemplo, coloca G. Bornheim<sup>12</sup>, é comum em nossos dias contrapor a natureza ao psíquico, ao espiritual, quando para os pré-socráticos a *physis*

<sup>7</sup> Cf. The Meaning of Physis; In: *Philosophical Review*, 18 (1909): 369-83.

<sup>8</sup> Cf. PERI FUSEWS. A study of the conception of Nature among the pre-socratics; In: *Proc. of the Amer. Acad. of Arts and Sciences*, n. 4 (1910): 79-133.

<sup>9</sup> Cf. The word FUSIS. In: *Archiv für Geschichte der Philosophie*, 33, N.S.26 (1920-21):3-22.

<sup>10</sup> Cf. *O Despertar da Filosofia Grega*. Trad. Mauro Gama, São Paulo: Siciliano, 1994.

<sup>11</sup> Cf. *Paidéia. A Formação do Homem Grego*. Trad. Artur M. Parreira, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>12</sup> *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 12.

exprimiam o todo existente, a totalidade do real, desde as coisas materiais ao mundo dos deuses.

A falta de uma análise sistemática do termo por parte dos chamados pré-socráticos nos obriga a subentender os prováveis sentidos que aparecem em seus exíguos fragmentos. Em época anterior a eles, Hesíodo nem sequer se referiu à idéia de *physis*, e Homero a cita uma única vez, na Odisséia<sup>13</sup>, quando faz Hermes mostrar para Ulisses a *physis* de uma erva rasteira – significando não mais que o aspecto ou forma corpórea da planta em sua maturidade<sup>14</sup>. Mesmo que, por um lado, este sentido tenha se mantido em épocas posteriores, em autores como Heródoto e o poeta Píndaro, por outro, foi com os pré-socráticos, já desde o século VI a.C., que recebeu conotações mais complexas. Heráclito, no início de sua obra, é claro nas condições para explicar as coisas; ele pretende “distinguir cada coisa segundo sua *physis*”. Esse é o primeiro fragmento de Heráclito, citado por Sexto Empírico, no século II d.C.<sup>15</sup>. Segundo a tradição, Heráclito havia escrito um tratado chamado “Da Natureza”, dedicado em honra de Ártemis e depositado no templo da deusa em Éfeso<sup>16</sup>. Para ele, quem quisesse ser filósofo, deveria investigar (*hístoras*) muitas coisas<sup>17</sup>. Entretanto, tal condição era, para o filósofo, uma condição necessária mas não suficiente em sua formação, pois em outro fragmento afirma: “a *polymathía* (o saber variado ou erudito) não ensina a ter inteligência”<sup>18</sup>. Definindo a *sophía* (sabedoria), declarou que era preciso “conhecer a razão, que tudo governa através de tudo”<sup>19</sup>. A forma aforística de suas sentenças lhe trouxe fama e ainda o deixou conhecido como “*skoteinós*”

(Obscuro). O conhecimento da *physis* era fundamental para Heráclito, como podemos observar, muito embora não fosse essa uma tarefa fácil, já que “a *physis* adora ocultar-se”<sup>20</sup>. A *physis* é o que aparece e se manifesta no mundo. Como disse G. Colli, ela “carrega o sensível de vibrações interiores”<sup>21</sup>. Em outros termos, o sensível não consegue contemplar a essência profunda das coisas, daí a *physis* de Heráclito constituir aquilo que é essencial nas coisas, a sua razão de ser, aquilo que fundamenta e promove o existir. Observamos já uma avançada teorização da idéia de *physis*, sendo expressivos os sentidos de “produzir”, “emergir”, “surgir”, que sempre acompanharam os sistemas pré-socráticos e dos filósofos posteriores. Nesse aspecto, Empédocles, no mesmo século V a.C., vai utilizar *physis* como a ação de *phýesthai*, “nascer” ou “criar-se”<sup>22</sup>. Mas antes de Empédocles e de Heráclito, o poeta-filósofo Xenófanes de Cólofon já vinha refletindo acerca desses problemas, pois declarou: “tudo o que nasce e cresce (*phýontai*) é terra e água”<sup>23</sup>. Estaria implícito aqui o uso do verbo *phýein*, cuja raiz é a mesma de *physis*, significando “produzir”, “formar-se”, “engendrar”. Lembra W. Jaeger<sup>24</sup> que na essência de *physis* encontram-se dois conceitos inseparáveis: “o da origem das coisas e o que se pode conhecer – por investigação empírica – do que existe no presente”. Há, assim, clara relação entre o processo de surgir (pode-se dizer, a *gênesis*)<sup>25</sup> e a capacidade de se desenvolver a partir de alguma substância (*arché* ou substrato primordial). A *gênesis* é mais que “nascimento” em termos biológicos. Desde Homero<sup>26</sup> já estava implícito, também, o sentido de “vir a existir” e “a ação de tornar-se”. É assim que

<sup>13</sup> Od. X, 303.

<sup>14</sup> Charles Kahn, *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*. New York: Columbia Univ. Press, 1960. p. 201, n. 2.

<sup>15</sup> Ad. math. VII, 132.

<sup>16</sup> Diog. L. IX, 5.

<sup>17</sup> 22 B 35 DK.

<sup>18</sup> 22 B 40 DK.

<sup>19</sup> 22 B 41 DK.

<sup>20</sup> 22 B 123 DK.

<sup>21</sup> *La Sapienza Greca*, t.3. Milano: Adelphi, 1996. p. 188.

<sup>22</sup> 31 B 8 DK.

<sup>23</sup> 21 B 29 DK.

<sup>24</sup> Op. cit. p. 196.

<sup>25</sup> Ver *physis* como ‘gênese’ das coisas em Lovejoy, op. cit.

<sup>26</sup> Il. XIV, 201, 246.

Anaximandro vai utilizar a palavra em sua famosa sentença<sup>27</sup>, cujo início é : “de onde os seres têm sua *gênesis*, aí devem retornar em sua destruição (*phthorán*) (...)”, indicando claramente “início” em oposição a “fim” ou “destruição” das coisas. Aristóteles dizia que, em certo sentido, a *physis* era “o nascimento(*gênesis*) das coisas que crescem”<sup>28</sup>. Essa concepção era nuclear, pois mais de dois séculos após Anaximandro, ainda vemos sua expressão nos meios intelectuais da Hélade, por exemplo, com Aristófanes em Atenas<sup>29</sup>.

Em relação à *arché*, o sentido que Aristóteles atribuiu aos *physikoi* foi alvo de críticas<sup>30</sup>. A questão é saber se os pré-socráticos tinham ou não consciência da idéia de *arché* e, em caso afirmativo, em que sentido. A clássica passagem da *Metafísica I* é bastante elucidativa: “A maioria dos que primeiro filosofaram sustentaram que apenas os princípios (*archás*) em forma de matéria (*hyles*) fossem os princípios de todas as coisas”<sup>31</sup>.

Dessa forma, os antigos pensadores desejaram “encontrar na *physis* a explicação última do universo material”<sup>32</sup>. Eles perguntavam como o mundo veio a ser o que é. Devia haver algo de primordial, gerador de todas as coisas, sempre existente, permanente e indestrutível. Foi essa a conclusão do professor J. Burnet<sup>33</sup>, baseado em uma passagem de Eurípedes (fr.910), “evidência clara que, no século V a.C. o nome *physis* era dado ao perpétuo algo de que o mundo era feito”. Assim, Tales chegara à idéia de que a essência contínua e formadora do mundo era a água

<sup>27</sup> 12 B1 DK.

<sup>28</sup> Met. 1014 b 16-17.

<sup>29</sup> Cf. Aves 691.

<sup>30</sup> Por exemplo, cf. J. Burnet, op. cit. p. 22-23.

<sup>31</sup> Met. 983 b 6-8.

<sup>32</sup> Augustin Mansion, *Introduction a la Physique Aristotélicienne*. Louvain-la-Neuve: L’Institut Supérieur de Philosophie, 1987. p. 83.

<sup>33</sup> Op. cit. p. 22.

(*hydor*), suporte físico da própria Terra<sup>34</sup> e fundamento básico de tudo.

Para os peripatéticos, o problema da definição de *arché* seria paralelo à noção de “elemento” (*stoicheion*)<sup>35</sup>. Em Aristóteles, os termos aparecem ora com o sentido de causa material ora com o de causa eficiente, sem qualquer distinção rigorosa. Mas não há comprovação que os mais antigos pensadores tenham utilizado o termo *arché* em qualquer sentido que seja. No século passado, Hegel escreveu: “Possivelmente a palavra *arché* era já corrente na época de Tales, talvez com o sentido de começo no tempo, porém não com pensamento de fundamento, de universal”<sup>36</sup>. Vale salientar que o sentido acima oferecido pelo filósofo alemão foi o utilizado por Homero, Hesíodo e Heródoto. O certo é que Aristóteles viu na água de Tales um exemplo de *arché*, substância material originária, causa suprema de tudo, muito embora seja provável que o milésio nem tivesse tal idéia em mente. A reflexão acerca da “matéria” e produto do pensamento posterior sistematizado pelos peripatéticos. Basta notar, por exemplo, conforme alegou Uvo Hölscher, que o conceito de *ápeiron* ou Ilimitado de Anaximandro “não foi descoberto pela busca da substância primária, mas pela especulação contínua e tradicional acerca da Origem”<sup>37</sup>.

A *physis* para os antigos estava em eterno devir, tinha movimento e por isso se manifestava com vida. O processo de crescimento essencial à *physis* pode ser visto como sua mudança em uma transformação vital. W. Heidel resume a situação afirmando “crescimento implica vida, e vida implica movimento”<sup>38</sup>. C

<sup>34</sup> 11 A 14 DK.

<sup>35</sup> G. Colli, *La Sapienza Greca*, t. 2. Milano: Adelphi, 1994. p. 286.

<sup>36</sup> G.W.F. Hegel, *Introducción a la Historia de la Filosofía*. Madrid: Aguilar, 1989. p. 115.

<sup>37</sup> U.Hölscher, Anaximander and the beginnings of Greek philosophy, p. 17. In: *Hermes*, 81(1953): 385-417.

<sup>38</sup> W. Heidel, 1910, op. cit. p. 98.

próprio Tales, relata Aristóteles, declarava que o ímã estava vivo (tinha alma) por mover o ferro<sup>39</sup>. Em um fragmento remanescente de Anaxímenes, vemos a mesma idéia de vida: “Assim como a nossa alma, sendo ar (*aér*) nos mantém juntos, assim a respiração (*pneuma*) e o ar englobam o mundo todo”<sup>40</sup>. E. Zeller é sucinto ao dizer: “uma natureza privada de princípio vital era algo inimaginável para um grego”<sup>41</sup>. Os antigos *physikoi* jônios foram chamados de ‘hilozoístas’, os que pregavam a vida da matéria. W. B. Veazie, em seu valioso artigo<sup>42</sup>, apoiando-se nos testemunhos básicos de Aristófanes, Platão e Aristóteles, vai defender que os pré-socráticos haviam compreendido a *physis* como princípio de movimento, em vez de “substância primeira”, como quis Burnet. Eis uma questão fundamental, conforme veremos.

Aristófanes, o famoso comediógrafo ateniense, foi um grande crítico dos *physikoi*, conforme transparece na peça “As Nuvens” e utiliza a palavra *physis* dentro dos padrões da prosa ática da época, uma qualidade inata ou um caráter próprio do ser<sup>43</sup>. Platão, por sua vez, foi um autor da primeira metade do século IV a.C. e, embora não nos tenha legado uma verdadeira teoria da *physis*, seus diálogos nos dão um formidável esboço daquilo que ficou conhecido como a *perí physeos historia*, a primeira investigação filosófica grega. Para ele, o mundo sensível e material estaria à margem de merecer atenção do verdadeiro conhecimento humano. Entretanto, se poderia oferecer apenas um “relato verosímil”, uma opinião segura do que se observava, segundo está explicado no *Timeu*<sup>44</sup>. De fato, o idealismo platônico vai deslocar o mundo natural para um plano inferior em

relação ao mundo do *espírito* e das idéias. No livro X das Leis, ele deseja denunciar o erro básico de “todos aqueles que exerceram investigação física”<sup>45</sup>. Isso se referia aos pensadores anteriores a ele, precisamente aos divulgadores da tradição filosófica jônia iniciada com os Milésios: é o caso de Diógenes de Apolônia, Anaxágoras, Arquelaus e outros. Em relação a todos que lançaram teorias acerca da origem das coisas, incluindo Parmênides, vai dizer: “parece-me que nos contam fábulas para nos entreter, como se fossemos crianças”<sup>46</sup>. Se na poesia arcaica o *mythos* significava “palavra” ou “mensagem”, seja ela verdadeira ou falsa, acerca dos deuses, dos homens ou do mundo, com Platão haverá já a distinção diante do *lógos*, que representaria o relato racional e verídico oposto à fábula ou ficção.<sup>47</sup> Mas apesar de sua crítica aos *physikoi*, ele reconheceu que a *historia* acerca da *physis* era um tipo de *sophia*<sup>48</sup>. Pelo que podemos observar nos fragmentos dos primeiros filósofos gregos, a sua preocupação central estava voltada para a descrição do mundo ordenado – o Cosmos – sobretudo pelas coisas mais curiosas, insólitas e maravilhosas, que eles chamavam “*to thôma*” (o que espanta)<sup>49</sup>, além daquilo que dizia respeito a “*ta metéora*” (literalmente, as coisas celestes). Tudo isso incluía descrições geográficas e etnográficas, como as anotações de viajantes. Quem melhor desenvolveu essa tese, com grande influência em autores posteriores, foi William Heidel, através do seu artigo que trata da obra de Anaximandro<sup>50</sup>. Sobre as pesquisas filosóficas jônias, o mesmo autor chega a declarar que “elas podiam, quase indiferentemente, ser caracterizadas como *perí meteóron* ou *perí*

<sup>39</sup> 11 A 22 DK.

<sup>40</sup> 13 B 2 DK.

<sup>41</sup> E. Zeller, *Outlines of the History of Greek Philosophy*; New York: Dover Publications, 1990. p. 25.

<sup>42</sup> Op. cit.

<sup>43</sup> Cf. Nuvens, 225-234; 330-334; 370-384; etc. e As Vespas, 1458; As Aves 685 ss.

<sup>44</sup> A. Mansion, op. cit. p. 82.

<sup>45</sup> Leis X, 891c.

<sup>46</sup> Sofista, 242c.

<sup>47</sup> Cf. Fedro, 61b; Tim. 26e.

<sup>48</sup> Féd.96<sup>a</sup>.

<sup>49</sup> Elemento de curiosidade bem característico na tradição jônia, como por exemplo, em Heródoto. Sobre o “*thôma*”, ver François Hartog, *Le Miroir d'Hérodote*. Paris: Gallimard, 1980. pp. 243-249.

<sup>50</sup> W. Heidel, op. cit., 1921.

*physeos historia*".<sup>51</sup> Realmente, do que se pode concluir da tradição doxográfica, é difícil deixar de concordar com Heidegger.

Platão descreve os chamados "*sophotáton*", ("os mais sábios"), ou seja, os antigos filósofos, como aqueles que "discorrem e escrevem acerca da *physis* e de todas as coisas (*tou hólou*)".<sup>52</sup> Assim, esses antigos pensadores haviam entendido a *physis* como a geração do que é primário<sup>53</sup>. O que era inaceitável para Platão na visão antiga era a forma de "poder irracional inerente aos elementos materiais"<sup>54</sup>. Pelo contrário, devia haver, segundo dizia, uma inteligência (*nous*) que tudo organizava, uma característica divina que os homens usufruíam.<sup>55</sup> Nas preocupações mais urgentes de Platão estavam a vida do homem, suas concepções da realidade, valores morais, ações e organizações políticas, mas não a *physis* em si. Não é difícil pensar porque ele, no confronto 'mundo da cultura' x 'mundo natural', pôs a *technê* ou atividade inteligente do homem, em proeminência diante da *physis* e da *tychê* (o acaso). Mas o homem faz parte da *physis* e vice-versa. A *technê*, é certo, faz parte da produção humana, entretanto, alcança o que há de mais espiritual no homem, que é o "criar". Mais sensato seria admitir, com K. Axelos<sup>56</sup>, que a *physis* (cósmica) e a *technê* (muito mais que humana) se encontram ligadas por liames indiscerníveis.

Se Platão e Aristóteles, bem como o próprio Sócrates, reclamavam do mecanicismo antigo, devemos reconhecer que existiu, no sentido pré-socrático de *physis*, uma concepção verdadeiramente humanizada e ao mesmo tempo racional. Como já haviam observado Jaeger<sup>57</sup>, Mondolfo<sup>58</sup> e Vernant<sup>59</sup>, as

categorias jurídicas, políticas, morais e religiosas da sociedade poliade, estruturadoras do Cosmos humano, serviram de base para o entendimento da própria *physis*. De modo que "o nascimento da reflexão filosófica sobre o mundo implica o conceito de lei: de uma lei universal que intervém para sistematizar o material caótico das experiências oferecidas pela vida".<sup>60</sup> A *physis* carrega em si o sentido de "harmonia". Há no Cosmos uma harmonia imanente produzida pela mesma *physis*. Como exemplo práticos no pensamento antigo, citamos o equilíbrio de forças em Anaximandro, o Universo matemático e harmonioso dos pitagóricos, o equilíbrio dos opostos em Heráclito, entre outros. Da mesma forma, o mundo da *pólis* precisa viver em equilíbrio, pois caso contrário, estará condenado à desintegração total, ao caos.

Enquanto Platão concedeu à *physis* um plano secundário em suas pesquisas, seu discípulo Aristóteles, pelo contrário, desenvolveu um estudo assaz meticuloso da questão. Para nossa sorte, foi grande o seu interesse pelas concepções dos antigos *physikoi*. Sobretudo no livro V da Metafísica e no II da Física, o mestre estagirita vai analisar realmente as possíveis concepções para a *physis*, desde os velhos jônios do século VI a.C. até seus dias, em pleno século IV a.C.. Tal situação conferiu ao nome de Aristóteles grande autoridade na história da filosofia antiga, apesar das críticas modernas.<sup>61</sup> Aristóteles, ao buscar

<sup>58</sup> Cf. Rodolfo Mondolfo, *En los orígenes de la filosofía de la cultura*. Buenos Aires: Imán, 1942.

<sup>59</sup> Cf. J-P. Vernant, *As origens do pensamento grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca; São Paulo, 1984.

<sup>60</sup> R. Mondolfo, 1942; op. cit., p. 19.

<sup>61</sup> A crítica mais contundente e influente sobre Aristóteles como intérprete da filosofia antiga foi proposta por H. Cherniss, em seu *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. Baltimore: John Hopkins Press, 1935. Para o autor, a atitude de Aristóteles em expor os antigos sistemas através de regras de sua própria filosofia – como justificativa para responder suas próprias questões – constitui um modo evidente de falsificação ou

<sup>51</sup> Ibidem, op. cit., 1910, p. 130.

<sup>52</sup> Lísias, 214b; Protag.315c; Xenof. Mem. I, 1, 11.

<sup>53</sup> Leis, X, 892c 1-2: "*phýsin bouílontai léguein génesin tèn perí ta prôta*".

<sup>54</sup> A. Mansion, op. cit., p.85.

<sup>55</sup> Cf. Tim.51e; Leis X, 891e-892b.

<sup>56</sup> *Systèmeutique Ouverte*. Paris: Éd. de Minuit, 1984. p. 64.

<sup>57</sup> Op. cit., pp. 190 e ss.

dispor o amplo sentido da idéia de *physis*, foi levado a envolver, nesta tarefa, muitos princípios e muitos processos. Eis um resumo do que significaria a *physis* para ele<sup>62</sup>:

- a) A *gênesis* das coisas que crescem;
- b) O princípio imanente e originário pelo qual as coisas crescem;
- c) O princípio do movimento presente nos seres naturais;
- d) O princípio potencial e material originário de que é feito ou deriva qualquer ser natural;
- e) A substância dos seres naturais, ou sua essência;
- f) A forma (*eidos*) que cada substância pode tomar.

Em seguida, Aristóteles lança o que diz ser o sentido originário e fundamental da *physis*, baseando-se nas definições referidas acima: “a substância (*ousía*) das coisas que possuem, como tais, o princípio imanente do movimento”<sup>63</sup>.

Já no livro II da Física, as definições de *physis* não mudam muito em relação as da Metafísica, embora a análise agora estivesse centrada nos princípios primeiros e no estudo abstrato do movimento. A base para a explicação dos fenômenos estaria na experiência. Sinteticamente, a *physis* seria tanto *arché* quanto causa (*aitía*) do movimento e do repouso, qualidades imanentes dos seres.<sup>64</sup> Dentro da tradição filosófica jônica, da tradição dos eleatas, atomistas e mesmo da dos médicos, a idéia de *physis* não estaria muito distante dos significados apresentados por Aristóteles, muito embora seria plausível acreditar que eles tivessem sistematizado a idéia. A *physis* sofreu desdobramentos conceituais em virtude dos debates filosóficos e pelo uso cada vez mais técnico do termo dentro de cada saber humano. As idéias de

deturpação daquelas concepções. Por outro lado, William K. C. Guthrie, em seu “Aristotle as Historian”, (In: *Journal of Hellenic Studies*, 77 (1957): 35-41) considerou a crítica de Cherniss exagerada, alegando que os escritos aristotélicos são valiosos e imprescindíveis para o estudo da história do pensamento pré-socrático.

<sup>62</sup> Met. V, 4, 1014 b 16-1015 a 2.

<sup>63</sup> Met. V, 4, 1015 a 13-15.

<sup>64</sup> Phys. II, 192 b.

“originário”, “potência geradora” ou “qualidade permanente ou essencial” são talvez mais básicas que as de “causa material” ou “princípio de movimento”, conforme apresentados por Aristóteles. As qualidades da *physis* são empregadas, na literatura grega, não apenas para os humanos ou seres vivos, mas também para coisas e personificações divinas. É interessante notar o uso de *physis* em Heródoto, autor que escreveu no período em que despontavam os grandes sofistas, como Protágoras, Górgias e Pródicos. Teve atrás de si toda a tradição intelectual jônica, e seus próprios escritos (em prosa) foram redigidos em dialeto jônio, então o veículo da educação erudita. Quando Heródoto apresentava a *physis* de algo, ele descrevia as qualidades inatas das coisas. Assim fez com o crocodilo e o hipopótamo, animais estranhos para os gregos.<sup>66</sup> É como se dissesse que o “natural” deles fosse ter tais e tais características, o que não impedia que existissem de modo diverso a esse “natural”<sup>67</sup>. Cerca de uma geração antes de Heródoto, o poeta Píndaro, na tradição aristocrática grega, falou do contexto da *physis* como algo inato ao ser: “O sábio é o que sabe muito por natureza; porém, os que aprendem, a barulhentos corvos se parecem (...)”<sup>68</sup>. Em outra passagem, ele vai considerar a *physis* como aspecto externo ou forma, pois canta: “Porém em algo, contudo, nos aproximamos – seja em nosso espírito (*noun*), seja pela *physin* – aos imortais (...)”<sup>69</sup>.

Pelo que foi até aqui apresentado, já é possível lançar algumas conclusões acerca das antigas concepções de *physis*. Parece um aspecto concorde entre os autores o fato de que a *physis* grega designasse a realidade, a própria manifestação do

<sup>66</sup> Hist. II, 68 e 71.

<sup>67</sup> Ver a discussão em G. Vlastos, *O Universo de Platão*. Trad. Maria Luiza M.S. Coroa; Brasília: Ed. UnB, 1987. pp. 20-23.

<sup>68</sup> “*sophós ho pollá eidós phyái, mathóntes dé, lábroi panglóssiai kórakes ós (...)*” Olymp. II, 83-87.

<sup>69</sup> Nem. VI, 5.

real, a totalidade do que existe, o início e o fim de tudo o que se origina, a realidade como fonte, e assim por diante. Não há motivos para discordar dessas concepções. Porém, é importante assinalar que o potencial filosófico da idéia de *physis* não deverá se esgotar. Como um fenômeno lingüístico, tende a se transformar. A título de exemplo, basta ver como se multiplicaram as discussões em torno da palavra “Natureza” e “filosofia natural”, nada mais que uma decorrência teórica da *physis* grega. Os esforços especulativos dos primeiros filósofos, observando o mundo pela lente do *lógos*, tornaram a realidade racionalizável. Estava certo Charles Kahn quando afirmou que “em certo sentido, a concepção grega de um universo ordenado racionalmente é também essa da ciência moderna”.<sup>70</sup> Eles tornaram o Cosmos capaz de ser investigado logicamente, capaz de ser medido e calculado<sup>71</sup>, da mesma forma que se pode medir e calcular as dimensões de uma pirâmide egípcia. Sua abordagem para compreender a realidade rompe com a causalidade individualizadora do mito e busca explicações gerais para as coisas, para o todo da *physis*.

---

<sup>70</sup> Op. cit., p.211.

<sup>71</sup> Sobre a questão, ver o excelente livro de Michel Serres, *Les Origines de la Géométrie*. Paris: Flammarion, 1993.